**Aspectos comuns entre a** **personagem “Lucíola” de José de Alencar e “Helena” de Machado de Assis.**

Aluna: Batista, Mariana Damasceno.

**Resumo**

 O presente artigo expõe idéias acerca de características românticas comum entre as personagens principais no livro “Lucíola”de José de Alencar, e “Helena” de Machado de Assis sob o ponto de vista dos autores como Massaud Moisés, teórico este que desenvolve em torno da análise da personagem de ficção e da análise de texto em prosa, metodologia para o estudo e compreensão das obras, auxiliando assim os estudantes.

**Abstrat**

 This paper presents ideas about romantic characteristics common among the main characters in the book "Luciola" José de Alencar, and "Helena" by Machado de Assis from the point of view of author like Moses Massaud, this theory that develops around the analysis of the fictional character and the analysis of prose, methodology for the study and understanding of the work, thus helping students.

**Palavras- chaves:** Romantismo. Romance urbano. Lucíola. Helena.

1. **Introdução**

Romantismo movimento literário que ganha força após nossa liberdade política de Portugal, graças ao sentimento de nacionalismo, já aparecem textos românticos em “Suspiros Poéticos e Saudades”, de Gonçalves de Magalhães. Ainda tendo a influência de ideias europeias, principalmente francesas, vai-se conseguindo maturidade adaptando-se essas idéias ao movimento brasileiro. Dos primeiros aos últimos românticos conservaram-se os gêneros mais importantes: a poesia, a prosa e o teatro.

O romance foi o grande triunfo do Romantismo. Longe da poesia e da pesquisa sistemática da realidade, faz uma ligação entre os dois. Não se baseia na realidade transfigurada nem na constatada: é antes uma realidade verossímil, que, ajustada com imaginação, situa a narração além do relato cotidiano.

Com essa breve introdução sobre o romantismo e especial o brasileiro, iremos nos deter neste em especial a dois romances “Lucíola” de José de Alencar e “Helena” de Machado de Assis, ambos romances brasileiros, que retratam temas urbanos, que se passam no Rio de Janeiro, mas antes de qualquer estudo, discussão julgo necessário conhecermos o perfil literário de cada romancista.

 José de Alencar é natural de Messejana, no município de Fortaleza, formou-se em Direito pela faculdade de São Paulo, em 1850, fixando residência no Rio de Janeiro. Jornalista, jurisconsulto, político, orador parlamentar, teatrólogo, romancista. Uma das maiores expressões da Literatura Brasileira, em todos os tempos, é a grande figura do nosso romantismo.

 Alencar tem sua obra dividida em quatro perfis sendo respectivamente, Indianista (“Iracema”), Histórico (“O Guarani”), Urbano (“Helena”, “Diva”, “Sonhos d’ Ouro”, “Senhora”) e Regionalista (“O tronco do Ipê”, “Til”, “O Gaúcho”, “O Sertanejo”).

Machado de Assis foi o maior escritor do período e um dos mais importantes, senão o de maior importância, da literatura brasileira. Em seus livros fazia profundas reflexões sobre o ser humano e sua condição, os mistérios da alma humana, além de seu refinamento irônico.

Por sua vez a obra Machadiana encontra se dividida em duas fases, a primeira dar se o início em 1855 com a publicação na revista Marmota Fluminense de seu primeiro trabalho literário, a poesia “Ela”, posteriormente publicada em 1861 “Queda que as mulheres tem para os tolos”, em 1863 publica “O caminho da porta” e “O protocolo”, em 1864 “Crisálidas”,em 1870 publica “Falenas”, poesias e “Contos fluminenses”, coletânea de histórias, em 1871 publica o romance “Ressurreição”, e em 1873 “Histórias da meia- noite, contos” em 1874 “ A mão e a luva”, em 1874 “Americanas”, poesias, em 1876 “Helena”,nosso objeto de estudo, em 1878 publica “Iaiá Garcia”, romance. Finalizando assim a primeira fase.

Na segunda fase já em 1881 publica “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, romance, em 1882 “Papéis Avulsos”, contos, em 1884 publica “História sem data”, contos, em 1891 publica “Quincas Borba”, romance, 1899 “Dom Casmurro”, romance e “Páginas recolhidas”, contos, em 1901 publica “Poesias Completas”, 1904 “Esaú e Jacó”, romance, 1905 publica “Relíquias de Casa velha”, coletânea de histórias, incluindo o soneto, “A Carolina” por em 1908 publica seu último romance, “Memorial de Aires”

Aqui o romance, como tive ocasião de dizer, busca sempre a cor local. A substância, não menos que os acessórios, reproduzem geralmente a vida brasileira em seus diferentes aspectos e situações. Naturalmente os costumes do interior são os que conservam melhor a tradição nacional; os da capital do país, e em parte, os de alguma cidades, muito mais chegados à influência européia, trazem já uma feição mista e ademanes diferentes. Por outro lado, penetrando no tempo colonial, vamos achar uma sociedade diferente, e dos livros em que ela é tratada, alguns há de mérito real. (MACHADO, Assis de , p. 134, 1955)

 Moisés (1928) define que romances de intriga, de entretenimento, de namoro adolescente, giram em torno do conflito entre duas forças igualmente poderosas: o amor e o dinheiro. Que enquadra se perfeitamente nesta definição os dois romances.

Como este tem o objetivo de contribuir a nível de pesquisa e conhecimento no que envolve as obras da literatura nacional, seja para a comunidade acadêmica ou para outros leitores que tenham interesse em conhecer mais sobre. Podemos assim identificar as características desta literatura, e pormos em prática o que foi visto em sala ao longo do semestre.

1. **Materiais e métodos**

O artigo de caráter bibliográfico tem o intuito de identificar pontos em comum nos dois romances, no que envolve os conceitos sobre o romantismo segundo os teóricos, e a partir de tais conceitos, identificar nas obras características que definem este estilo de época, sempre com auxilio de embasamento teórico, para assim dar respaldo e credibilidade a pesquisa.

Segundo Moisés (1994) os românticos revoltam-se contra as regras, os modelos, as normas, batem-se pela total liberdade na criação artística, e defendem a mistura e a “impureza” dos gêneros literários.

Com esse pensamento acaba por surgir um movimento literário, que caracteriza se por fazer uso da linguagem subjetiva, flash-back, bastante presente a idealização da mulher, valorização da natureza, evasão, exaltação do amor os autores trazem para questionamento, discussão fatos da realidade da época como a prostituição, casamento por conveniência.

1. **Resultados e discussão**

Como já foi citado anteriormente é característica do romantismo profundo subjetivismo, valorização da natureza, evasão, os românticos viam a cidade como um lugar impuro, egocentrismo, profundo sentimentalismo, a busca por um amor ideal. Partindo destas definições iremos identificar nas obras tais características subsidiadas nos teóricos.

 **3.1Idealização da mulher**

Sendo uma das características do romantismo as duas obras apresentam forte idealização feminina. Talvez por haver esta idealização, nas duas obras, as protagonistas são mulheres e os antagonistas são homens.

Moisés afirma que o romantismo é uma estética de adolescentes, expressando ainda sentimentos femininamente adolescentes, ou vice-versa, podemos identificar estas características citadas por Moisés. Nota se ainda a idealização da mulher, bonita, casta, prendada e ingênua, nos trechos que se seguem das respectivas obras em estudo.

“Era uma moça de dezesseis anos a dezessete anos, delgada sem magreza, estatura um pouco acima da mediana, talhe elegante e atitudes modestas.” (ASSIS, Machado de, p. 14, 1994)

 “Tocava piano, sabia desenho, falava a língua francesa correntemente, conhecia um pouco de inglês e italiano. Entendia de costura e bordados, e todo tipo de trabalhos femininos.” (ASSIS, Machado de, p. 15, 1994)

“A expressão angelical de sua fisionomia naquele instante, a atitude modesta e quase tímida, e a singeleza das vestes níveas e transparentes, davam-lhe frescor e viço e infância..” (ALENCAR,José de, p. 32, 2006)

“..À noite toda a família se reunia na sala; eu dava a minha lição de francês a meu mano mais velho, ou a lição de piano com minha tia” (ALENCAR, José de, p.126, 2006)

**3.2 Evasão**

Característica comum às duas obras é a evasão, definida por Moisés pelo fato do romântico encontrar se em profunda tristeza entregando se ao suicídio ou a uma enfermidade. Vendo a morte como maneira de purificar se de erros cometidos, para a realização de um amor impossível no meio terreno.

 É comum as heroínas de romances românticos morrerem ao final da trama e não seria diferente com estes dois romances em estudo, que são tipicamente românticos.

As páginas românticas são fartas de tais exemplos: Werther, Eurico, Carlota Ângela, Helena, Iracema, etc. A vida passa a não ter sentido para eles, já que a morte em tais casos é vida.

Helena profundamente chocada com a possibilidade de casar com Estácio, não aguenta a emoção, adoece e morre.

Hora e meia depois, os olhos de Helena, já voltados para a eternidade, deitaram um derradeiro olhar para a terra, e foi Estácio que o recebeu- olhar de amor, saudade e de promessa. A mão pálida e transparente da moribunda procurou a cabeça do mancebo; ele inclinou- se sobre a beira do leito, escondendo as lágrimas e não se atrevendo a encarar o final instante. Adeus! Suspirou a alma de Helena, rompendo o invólucro gentil. Era defunta. (MACHADO, Assis de, p.58, 1994)

Por vez a morte de Lucia é uma escolha da personagem para castigar se, dos erros do passado, quando decide não tomar o remédio pra expelir o feto. Por ser fruto de um amor consumado no reino do desejo, produto de uma relação errante e amoral, fora dos padrões de conduta.

“E o copo que Lúcia sustentava na mão trêmula, impelindo com violência, voou pelo aposento e espedaçou- se de encontro à parede.

 \_\_ Iremos juntos!... murmurou descaído inerte sobre as almofadas do leito. Sua mãe lhe servirá de túmulo” (ALENCAR,José de, p. 146, 2006)

**3.3 Espaço**

Os dois romances se ambientam no Rio de Janeiro, Alencar explora os lugares famosos da corte, suas praças e largos, locais de acontecimentos sociais importantes, como festas e procissões.

A primeira vez que a vim ao Rio de Janeiro foi em 1855. Poucos dias depois da minha chegada, um amigo e companheiro de infância, o Dr. Sá, levou-me à festa da Glória, uma das poucas festas populares da corte. Conforme o costume, a grande romaria desfilando pela Rua da Lapa... (ALENCAR, José de, p.14, 2006)

 “O Conselheiro Vale, figura de destaque na sociedade carioca...” (MACHADO, Assis de, p.07, 1994)

**3.4 Valorização da natureza**

 Quando Lúcia procura “purificar-se” dos vícios da cidade, procura viver em contato com a natureza onde os românticos acreditavam ser um lugar puro.

 “[...] corremos o jardim colhendo flores, enquanto se arejavam as salas para receber-nos. Os cômodos eram suficientes para duas pessoas; Lúcia devia morar com sua irmã, que ia sair do colégio” (ALENCAR,José, p. 131, 2006)

“O escapismo romântico na direção da Natureza corresponde ao anseio de encontrar nela uma confidente passiva e fiel, e um consolo nas horas amargas” (MOISES, p.118, 1994)

**3.5 Prostituição**

No romance Alencariano a prostituição é retratada como meio que a heroína romântica encontra para ter dinheiro para tratar, cuidar da família que encontra se doente, febre amarela, doença que tirou a vida de muitos na época. Não sendo apenas um fato fictício, mas real.

 [...]O dinheiro ganho com minha vergonha salvou a vida de meu pai e trouxe-nos um raio de esperança. Quase que não me lembrava do que se tinha passado entre mim e aquele homem; a consciência de me ter sacrificado por aqueles que eu adorava, fazia- me forte. (ALENCAR, José de, p. 128, 2006)

Em “Helena” a prostituição é posta em discussão por meio de Ângela mãe da protagonista, ficando claro quando deixa o leitor sabendo porque fora reconhecida como filha do Conselheiro Vale. Ângela deixara o marido Salvador, para ter um relacionamento com o Conselheiro Vale que tinha condição financeira melhor que o pai legítimo de Helena.

Mas quando voltei ao Rio de Janeiro, achei minha casa fechada; um vizinho disse-me que Ângela se mudara para São Cristovão. Achei enfim a casa e fiquei sabendo que ela ali residia, com seu pai, o Conselheiro. Acabei por receber uma carta de Ângela, pedindo- me que lhe perdoasse o passo que dera. (ASSIS, Machado de, p.55, 1994)

 **3.6 Casamento**

 As duas obras discutem o casamento de maneira ímpar.

 Moisés (2006) comenta que a própria ideologia burguesa, a que pertencia Alencar, condicionava o elogio do processo preservador das conveniências: a família organizada com base no casamento, e este no dinheiro, em torno de que tudo gravita, inclusive a honra.

Assim explica se a atitude das heroínas românticas em particular de Lucíola.

Em “Helena” nota-se quando discute possível casamento entre Helena e Mendonça, amigo de Estácio pseudo-irmão da protagonista. E ainda no casamento entre Estácio e Eugênia, que o pai da moça ambiciona para assim melhor a vida dispor de uma vida econômica e social melhor.

O casamento era muito, mas não bastava. Camargo cuidava da carreira política de Estácio, como um meio de dar certo relevo público à filha, e por um efeito retroativo, a ele próprio, cuja vida fora tanto quanto obscura. Apresentou a Estácio a maçã política, que foi rejeitada a princípio; finalmente foi aceita, e com a noiva. Esta dupla vitória foi o momento máximo da vida do médico. (MACHADO, Assis de, p.35, 1994)

**3.7 Subjetivismo**

 Caracteriza se como subjetivismo quando o mundo do romântico gira em torno do seu “eu” do que ele sente, do ele pensa, do que ele quer, por isso o personagem romântico está em constante desarmonia, com os valores e imposições da sociedade e ou da família.

A primeira está na própria estrutura narrativa do romance. Trata-se de um romance de "primeira pessoa", em que a história é narrada do ponto de vista de uma só pessoa. No caso, Paulo. Tudo gira em torno do que ele viu, pensou, sentiu junto a Lúcia. Tudo, portanto, muito individual. Já no cap. I, Paulo esclarece que escreveu essas páginas para se justificar perante uma senhora que estranhou "a minha (dele) excessiva indulgência pelas criaturas infelizes, que escandalizam a sociedade com a ostentação do seu luxo e extravagância."

A Segunda está na oposição indivíduo x sociedade. O divórcio entre o homem e o meio é a pedra de toque de um autêntico espírito romântico. Sobrepor sentimento à razão, o entusiasmo ao raciocínio, o subjetivismo ao objetivismo, são diretrizes que marcaram a escola. No romance, Paulo e Lúcia ora se insurgem contra as convenções sociais:

**3.8 Exaltação do Amor**

O amor é mola mestra da ficção romântica em prosa e verso. Mas o amor sublime, alheio às convenções sociais, feito de sacrifício e, às vezes, de heroísmos.
 Em Lucíola, a temática central está exatamente nesta exaltação do amor como força purificadora, capaz de transformar uma prostituta numa amante sincera.
"- o amor purifica e dá sempre um novo encanto ao prazer. Há' mulheres que amam toda a vida; e o seu coração, em vez de gastar-se e envelhecer, remoça como natureza quando volta a primavera." (ALENCAR,José de p. 2006).

"Tive força para sacrificar-lhes outrora o meu corpo virgem; hoje depois de cinco ano de infâmia, sinto que não teria a coragem de profanar a castidade de minha alma. Não sei o que sou, sei que começo a viver, que ressuscitei agora., disse Lúcia após sentir a afeição de Paulo. (ALENCAR, José de p. 2006).

 E o romance termina com esta exaltação do amor, balbuciada por um a prostituta regenerada por esse mesmo amor, momentos antes de sua morte, Lucia declara a Paulo que o amou desde o momento em que o viu, que o amou por séculos nos poucos dias que passaram juntos na terra. Concluindo que o ama ao mesmo tempo com todas as afeições que se pode ter neste mundo, que vai amá-lo por toda a eternidade.

**3.9 Flash- back**

O narrador faz uma “volta ao tempo” para explicar para certas atitudes das personagens no presente. Em Helena o autor usa esse recurso para explicar a causa das visitas de Helena a uma pequena casa onde, acaba sendo revelado por meio do flash-Back, a identidade do morador, que era seu pai. Em Lucíola quando Maria da Glória conta sua história a Paulo, porque tornara se prostituta.

Bateram; Salvador abriu a porta e, ao vê-los, empalideceu um pouco. Estácio foi direto ao assunto, perguntando-lhe se realmente Helena era sua filha, ao que ele confirmou. E, para explicar o porquê do reconhecimento de Helena como filha, por parte do Conselheiro, contou esta história, que veio a esclarecer tudo: “A mãe de Helena era filha de um pobre lavrador do Rio Grande do Sul, onde também nasci. Apaixonamo-nos um pelo outro; meu pai opôs-se ao casamento, dizendo que Ângela poderia ser um obstáculo à minha carreira. Raptei-a e fomos viver na Campanha Oriental, donde passamos a Montevidéu e depois ao Rio de Janeiro. Tinha vinte anos,estudos, meia dúzia de patacões, muito amor e muita esperança. Minha vida começou a ser um mosaico de profissões: trabalhava com energia, mas a fortuna não correspondia à constância. Uma compensação havia: o amor e o contentamento de Ângela. Depois, outra compensação mais: Helena. Ela nasceu pouco depois da nossa fuga, e a presença de um ente novo, sangue do meu sangue, fez-me redobrar de energia” (ASSIS, Machado de, p.54, 1994)

“O dinheiro ganho com a minha vergonha salvou a vida de meu pai e trouxe-nos um raio de esperança. Quase que não me lembrava do que se tinha passado entre mim e aquele homem; a consciência de me ter sacrificado por aqueles que eu adorava, fazia-me forte.(ALENCAR, José de, p.128, 2006)

**4.0 Considerações finais**

Com as discussões realizadas conclui se o que já havia sido pressuposto, os romances não só pertencem ao mesmo movimento literário, como os autores tem estilos bastante parecidos, seja na maneira como levam certas questões da época, na estrutura da narrativa, na descrição minuciosa dos acontecimentos, na linguagem.

1. **Referências Bibliográficas**

ALENCAR, José de. **Lucíola.** -Apresentação: Sarah Diva da Silva Ipiranga. Rio- São Paulo- Fortaleza: ABC editora, 2006.

ASSIS, Machado de, 1839-1908. Coleção Machado de Assis em sua essência/ texto condensado por Nicélia C.Silva.- São Paulo: Ridell, 1994.

MOISÉS, Massaud de **História da literatura brasileira.** – São Paulo: Cultrix, 1985.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ **A literatura portuguesa.** 30º ed. São Paulo: Cultrix, 1994.